

História e Memória Social do Brasil urbano:  
Rito e Símbolo na Cosmologia do Sanitarismo

Neiva Vieira da Cunha  
UERJ; UCAM, LeMetro/IFCS-UFRJ

Marco Antonio da Silva Mello  
PPGA/ICHF-UFF, DAC e LeMetro/IFCS-UFRJ

Introdução:

No final do século XIX o Brasil passa por grandes transformações. Com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República configurou-se um novo contexto sócio-político, onde as ações se desenvolveriam sob o lema da modernização. No início do século XX, o Rio de Janeiro será o palco desses acontecimentos. É no quadriênio de Rodrigues Alves na Presidência da República que se realizam as grandes reformas que pretendiam elevar o país ao patamar das nações civilizadas. Essas ações se concentrariam, fundamentalmente, nos projetos de reurbanização e saneamento da então Capital da República.

A cidade era, nessa época, um cenário de contrastes. O fato de ser um dos principais centros econômicos e financeiros, além de sede política e administrativa do país, atraía um grande número de pessoas, entre elas muitos estrangeiros, em busca de fama, riqueza ou notoriedade política. Sua natureza exuberante a todos encantava. Mas, ao mesmo tempo que atraía, a cidade repelia.

Tendo crescido desordenadamente, em suas ruelas estreitas o lixo e sujeira se espalhavam por toda parte. Nelas se aglomeravam bondes, carroças e os “burros-sem-rabo”. Havia ainda os quiosques, “improvisação achamboada e vulgar de madeira e zinco, espelunca fecal, empestando à distância e em cujo bojo vil um homem se engaiola”<sup>1</sup>. E, juntando-se a tudo isso, haviam as doenças que devastavam a cidade: a varíola, a peste, o cólera, a tuberculose, a febre amarela. Esta última infundia um temor especial a todos, contribuindo sobremaneira para a construção de uma imagem da cidade como paraíso tropical assombrado pela doença.

---

<sup>1</sup> Luís Edmundo, 1957:113.

O espectro da morte pairava sobre a capital. Ainda sob o Império, vários artistas e personalidades ilustres haviam morrido de febre amarela, causando consternação e vergonha ao governo brasileiro. O corpo diplomático passava grande parte do ano em Petrópolis, onde a febre não chegava. Todos, quando podiam, evitavam passar ou pernoitar na cidade, com medo de serem, na calada da noite, surpreendidos pela *vomito negro*. As companhias de navegação estrangeiras, anunciavam viagens sem passar pelos portos brasileiros, onde a moléstia grassava. Tal era o pavor infundido pela doença.

Essa situação afetava diretamente a imagem do Brasil no exterior, e o combate à doença, tornava-se, assim, fundamental para a continuidade do projeto desenvolvimentista das elites governamentais da época. O primeiro passo a ser dado, nesse sentido, dizia respeito ao saneamento da cidade do Rio de Janeiro. Esse empreendimento, no entanto, não poderia ser levado a termo sem que houvesse uma grande renovação do sistema construído da cidade, cuja massa predominante era ainda colonial. Era necessário que ao “higienista do futuro” se associasse “o futuro demolidor e construtor, ambos prestigiados e defendidos por um estadista capaz.”<sup>2</sup>

Esse encontro ocorreria com chegada de Rodrigues Alves à Presidência da República, em 1902. Imbuído da tarefa de reabilitação nacional, ele uniria Pereira Passos, responsável pela reforma urbana que se realizará na cidade do Rio de Janeiro, naquele começo de século, e Oswaldo Cruz, com sua reforma sanitária, que exorcizaria, pela primeira vez, a febre amarela da cidade.

*A Cidade Civiliza-se: Oswaldo Cruz e as novas medidas sanitárias.*

Um grande entrave, no entanto, se colocava ao combate à febre amarela: o desconhecimento da causa da doença. Alguns médicos eram adeptos da teoria dos miasmas, dos “maus ares”, que teriam origem na decomposição de matérias orgânicas vegetais e animais. Mas nem todos pensavam assim.

Carlos Finlay, médico cubano, depois de observar acuradamente a relação entre o aumento de mosquitos e a expansão da doença, apresentou, na Academia de Ciências de Havana, o *Culex fasciatus* (atual *Aedes aegypti*) como o transmissor da febre amarela. Sua revelação, no entanto,

---

<sup>2</sup> Cf. Franco, 1973:310

não despertou nenhum interesse por parte da comunidade científica, naquele momento. Ainda seria preciso esperar alguns anos para que suas idéias fossem melhor desenvolvidas.

Só após a ocupação de Cuba pelos Estados Unidos, em fins do século XIX, é que as observações de Finlay foram, finalmente, retomadas. Em 1900, foi nomeada uma Comissão, formada pelos médicos Walter Reed, James Carroll, Jesse Lazear e Aristides Agromonte, para estudar a moléstia e maneiras de evita-la. Ao chegar a Cuba, o chefe da Comissão, Walter Reed, procurou o Dr. Finlay, e partiram então para o trabalho experimental. Logo em seguida, começaram os trabalhos de isolamento dos doentes e eliminação do mosquito transmissor e, no fim do ano de 1901, não havia mais febre amarela no país.

A experiência dos americanos em Cuba logo repercutiria no Brasil. Ainda em 1901, Emílio Ribas comprova o experimento ao utilizar o método americano, de forma pioneira, no combate a uma epidemia no interior de São Paulo. No ano seguinte, adotou a mesma técnica de combate ao mosquito em outros municípios do estado, obtendo sempre resultados positivos. No Rio de Janeiro, Oswaldo Cruz, recém chegado de Paris onde estivera estagiando no Instituto Pasteur, acompanhava, à distância, os acontecimentos. Entusiasmado com a chamada “teoria havanesa”, falava de suas idéias ao amigo Salles Guerra, clínico respeitado e médico particular de J.J.Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, ao qual estava vinculada a Diretoria Geral de Saúde Pública.

Seu nome foi então levado ao presidente Rodrigues Alves que, ao tomar conhecimento de suas idéias, convidou-o para ocupar o cargo de chefe da Diretoria Geral de Saúde Pública do Distrito Federal. Ao tomar posse, em 23 de março de 1903, o novo diretor promete acabar com a doença em três anos, se lhe fossem dados “força e recursos”.

Com esse espírito, Oswaldo Cruz parte para a ação. No dia 15 de abril, o Serviço de Profilaxia da Febre Amarela foi organizado. Logo em seguida, as normas adotadas começaram a ser aplicadas, com o primeiro isolamento domiciliar de um doente, cujo caso havia sido notificado. Em 5 de maio, em nome do Presidente da República, o ministro da Justiça baixou instruções rigorosas para o funcionamento do Serviço, atribuindo-lhe total prioridade.

A foi ação montada por Oswaldo Cruz como uma campanha militar. Os procedimentos executados eram extremamente difíceis, por envolverem vários serviços que incluíam médicos, engenheiros sanitários, hospitais, isolamentos, fiscalização e transporte, além de numerosos

agentes executores como mata-mosquitos, carpinteiros, carregadores, cocheiros, pedreiros, operários de limpeza para calhas, porões, telhados e recipientes de água, encarregados do expurgo domiciliar, entre outros. A cidade foi dividida em distritos sanitários, chefiados cada qual por um médico, contando com alguns auxiliares. Foram criadas as “brigadas sanitárias”, formadas por um chefe e cinco guardas mata-mosquitos. Foi montado também um eficiente sistema de defesa sanitária marítima, para evitar que tanto a febre amarela quanto outras doenças infecciosas fossem trazidas por viajantes contaminados em outros portos.

Convencido da necessidade imperiosa de tais procedimentos e visando garantir sua realização, uma das primeiras medidas adotadas por Oswaldo Cruz foi elaborar novo código sanitário. Em maio de 1903, foi enviada, ao Congresso Nacional, mensagem do presidente da república acompanhada da reforma dos serviços sanitários da Capital Federal. O Decreto n. 1151, de 5 de janeiro de 1904, estabelecia os procedimentos a serem adotados com relação à notificação, isolamento e desinfecção. A nova lei passou a ser conhecida como “Código de Torturas”. E Oswaldo Cruz se transformou em alvo de críticas e pilhérias na imprensa. O rigor das medidas profiláticas adotadas e a força com que foram implementadas tiveram um grande impacto sobre a vida social, naquele momento. Tratava-se, na verdade, de construir uma nova ordem.

Imbuído do saber científico da revolução pasteuriana, Oswaldo Cruz trará para si a difícil tarefa de officiar o rito que deverá conduzir e submeter toda uma sociedade, na direção de um tempo novo. No quadriênio 1903/1907 está o grande *rito de passagem* da era do saneamento. O trabalho desenvolvido para que fosse estabelecida a metamorfose da cidade, exigiu o concurso de muitos homens no desempenho de um *rito inaugural*. Com ele passa-se a limpo o Rio de Janeiro e exorta-se sua população no sentido de aderir às novas premissas da cosmologia do sanitarismo. Um corpo de especialistas desempenhará o ofício dessa liturgia. Munido de todo um arsenal preparado para o enfrentamento com as forças responsáveis pelos infortúnios que periodicamente a todos afligiam, lançando os maus agouros sobre todo o país, o batalhão de mata-mosquitos promoverá o imprescindível e liminar *ritual de purificação*, escrupulosamente.

A cidade e seus símbolos: o *processo ritual*.

A literatura antropológica celebrizou um tipo de análise extremamente refinada do simbolismo e dos procedimentos rituais, em especial aqueles contidos num dos mais expressivos livros do Velho Testamento. Nos propomos, aqui, seguir alguns dos passos decisivos dados por Mary Douglas em sua proposta de análise desse código antigo que é o Levítico. A partir da reflexão sobre a complexa trama de categorias e de noções estruturadas em torno da oposição *puro-impuro*, pode-se apreender com mais clareza, talvez, o grande processo ritual a que foi submetida, no início do século, a sociedade brasileira e, em particular, o Rio de Janeiro.

As descrições da cidade, nessa época, fazem sempre referência às condições insalubres que a caracterizavam. Em sua região central, espremida entre as montanhas e os pântanos, a forma de habitação coletiva era a mais comum. Os velhos casarões imperiais e coloniais, úmidos e sombrios, transformavam-se em ‘cortiços’, ‘pardieiros’, ‘cabeças-de-porco’, sendo redivididos, internamente, por meio biombos, em inúmeros cômodos, que abrigavam, muitas vezes, famílias inteiras, em precárias condições. As ruas e becos eram estreitos e escuros, as praias eram cobertas de detritos. Enfim, a cidade tinha a sujeira e a desorganização como marcas.

A cidade antiga, ou seja, aquela anterior à reforma de Pereira Passos, tinha um plano, uma morfologia, à qual correspondia uma determinada ordem do mundo. A esse sistema de pensamento correspondia, também, um sistema de práticas, ou seja, a essa forma urbana de vida correspondia um conjunto de valores morais, traduzido nos hábitos e costumes da população. No início do século, a essa *cidade antiga* irá se contrapor a *cidade moderna* com sua cosmologia do sanitarismo. Essa transformação será feita pela imposição de uma grande reforma, que transformará a fisionomia da Capital e terá como pontos principais o “bota-abaixo” e a implementação de um novo código sanitário. Isso significará a mobilização de um imenso dispositivo ritual com o objetivo de *iniciar* os indivíduos nessa nova ordem. Era preciso organizar o ambiente, fornecer-lhe, por assim dizer, uma gramática.

Essa grande mobilização vai evoluir pelo exercício do que se poderia, certamente, denominar *pedagogia iniciática*. Tratará de transformar uma norma em valor, de trazer para dentro o que está fora, de internalizar aquilo do qual estamos separados, permitindo conhecer algo que, de outra maneira, não seria conhecido. Para que essa transformação se operasse era preciso uma orientação, e esta tarefa pedagógica caberia aos sanitaristas.

Todo *rito de passagem* coloca em relevo o tema do sofrimento como meio de ascender a um estatuto social mais elevado. Também nesse caso, a mudança não se daria de forma pacífica. Os enfrentamentos foram, de certa forma, como fases necessárias do rito. Os combates, as escaramuças, as lutas, enfim, episódios como a “revolta da vacina”, de um certo ponto de vista, nada mais foram do que momentos críticos, de aguda consciência, em que estiveram envolvidos neófitos, rebeldes e zelosos oficiantes litúrgicos. Através da imposição das novas práticas sanitárias, a cidade do Rio de Janeiro e, por extensão, toda a sociedade brasileira, será submetida, compulsoriamente, a um verdadeiro *rito de purificação*. A partir da internalização dessas práticas, será, então, iniciada na modernidade. A essa nova ordem externa era preciso fazer corresponder valores. A necessidade do rito se impunha.

Conclusão: *Aedes aegypti*, proposta de leitura para um símbolo.

Victor W. Turner é, talvez, o membro da escola de Manchester que mais destaque mereceu no campo das teorias do ritual e do simbolismo. Seu diálogo com Mary Douglas e tantos outros de seus colegas africanistas, revela seu refinamento e sensibilidade para identificar e compreender o chamado “ponto de vista do nativo”. Para ele, o ritual é uma reafirmação periódica dos termos nos quais os homens de uma dada cultura devem se comportar uns com relação aos outros para que haja o mínimo de coerência na vida social. Desempenha uma função “prática”, no sentido de necessária, fundamental, mas é, principalmente, “expressivo”, transcrevendo em uma forma simbólica certos valores-chave e certas orientações culturais. Mas a função criadora do ritual é a mais importante, pois, de fato, cria ou recria as categorias pelas quais os homens percebem a realidade.

Cada sociedade tem um código que lhe é próprio e apenas ela fornece sua chave. Podemos mesmo dizer “as chaves”, pois certas sociedades oferecem vários sistemas de explicação de seus símbolos. Por isso, não é razoável imaginar que exista, em algum lugar, um conjunto de ritos desprovido de sentido. Cada tipo de rito comporta uma multiplicidade de símbolos. Podemos mesmo dizer que é constituído de símbolos ou que é um sistema de símbolos.

Os símbolos ditos rituais, entretanto, pertencem a uma categoria particular de símbolos. Eles são multívocos, ou seja, têm vários sentidos. O sentido do símbolo não compreende apenas o

que se diz a seu respeito, mas também a forma como é utilizado. O símbolo tem não só uma interpretação, mas um sentido operacional. A posição de um símbolo em relação aos outros influi no seu sentido. É importante, pois, determinar se um símbolo é central ou dominante ou se é periférico ou secundário. O sentido de um símbolo é modificado ou determinado pelos símbolos vizinhos, no espaço e no tempo, no interior de um dado sistema. Assim, o sentido de um símbolo comporta três aspectos constitutivos: o aspecto exegetico (interpretativo), o aspecto operacional e o aspecto posicional. Ou, para dizer de outra maneira, o que se diz sobre ele, o que se faz com ele e que lugar ocupa na constelação, podendo ser focal (patrão) ou instrumental.

As transformações ocorridas na virada do século vistas da perspectiva que Mary Douglas e Victor Turner oferecem, conduzem para o coração da casta dos responsáveis (juntamente com os ratos) pela campanha deflagrada pela cruzada sanitária. É como se todo o *processo ritual*, em suas diferentes fases, quisesse fazer aparecer, ou seja, produzir, seu grande artefato simbólico. Nesse caso, o rito de passagem elegeu como sua principal vítima sacrificial, seu bode expiatório, não propriamente entre os ruminantes dos pés de cascos fendidos do Levítico de Mary Douglas. Nos portos das cidades do litoral, foram, entre os seres vivos, os insetos que apresentaram sua maior vocação como símbolos naturais. E entre os insetos, aquele que mais intimamente está associado ao *habitat* urbano e a antropofilia é o *Aedes aegypti* ou *Stegomyia fasciata*.

O sistemata quis, com a escolha desses nomes, expressar essa relação promíscua entre homem e mosquito - *aedes* - na casa (no teto - *stégos*), no templo, no túmulo, no cortiço, enfim. Mas aquele que frequenta a morada de homens e deuses, por inoportuno e desagradável, deve ser enxotado e repellido. É, portanto, aquele contra o qual a gente deve se precaver.

Aborrecido companheiro que “invade a nossa sala de jantar, voando por cima da mesa, por entre os pratos, devagar e pousando, bastante sem cerimônia, na nossa testa, nas mãos, mordendo logo” ou, “esvoaçando ao redor da nossa cabeça, espiando qualquer parte descoberta, para nos infligir a sua dolorosa e logo intumesciente picada”, sem “um minuto de trégua desde o clarear do dia até o cair da noite: ao escrever, ao comer, ao dormir, o inimigo nos flagela e nem um desesperado moto contínuo de debater-nos seria capaz de salvar-nos, que não ficássemos logo com o rosto, pescoço, orelhas, mãos e pernas cobertos de ardentes pontos intumescidos, cujo centro indica, apenas visível, o lugar onde o veneno foi inoculado (...) por esta execranda criatura

que se chama *Stegomyia fasciata*.<sup>3</sup> Assim, como “fúrias infernais”, com sua “infernai música”, o macho solfejando um *dô(C)* enquanto a fêmea sustenta um *lã(A)*, a insolência dessas criaturas faria o mais resignado dos homens blasfemar. Até o “zumbido das sangüinárias *estegomias*”, “insolentíssimo mosquito diurno, que faz inauditas exigências a nossa paciência”, não passou despercebido do naturalista Emílio Goeldi.

Fascinado por esses “inimigos da humanidade, pequenos de vulto, grandes, porém, nos seus efeitos, inimigos que parecem terem-se conjurado para roubar-nos o sossego, de dia e de noite, torturando-nos não só pela dor física, como acarretando-nos gravíssimos perigos e males à saúde (...) constituindo-se em sério obstáculo ao povoamento do país (...), diretamente culpado de grave lesão a prosperidade pública”, Goeldi dedicou aos mosquitos uma atenção e uma dedicação científica poucas vezes encontrada, entre os entomólogos.

As representações em torno do *Stegomyia fasciata*, *Culex fatigans*, *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, entretanto, sofreram uma radical mudança de perspectiva. Com as teorias de Finlay e as pesquisas realizadas na ilha de Cuba, durante a ocupação americana, por Walter Reed, em 1900, dois campos semânticos foram fusionados. O conjunto dos significados relativos a *dor/sofrimento*, com a teoria da transmissão, por parte desses mosquitos, da febre amarela, foi definitivamente associado ao campo das categorias que giram em torno da noção de *doença*. Além disso, tais noções e categorias, embora pertencentes a campos distintos, estiveram, sempre, sob a gravidade do *infortúnio/malefício*, ou seja, sob a égide das noções de *castigo/punição*, vale dizer, da *falta* muitas vezes irreparável.

Ora, *símbolo* é, exatamente, aquilo que junta, reúne, põe em relação. Aquilo (ou aquele) que é capaz de remeter, de um só golpe, às duas dimensões constitutivas nas quais se movem as sociedades empíricas, ou seja, aquelas com as quais priva o antropólogo durante seu trabalho de campo. A dimensão das *regras e dos valores* e a dimensão dos fatos e eventos da *natureza*, em que pese todos os problemas relativos ao emprego dessa última categoria.

Com o mosquito chega-se ao coração da teoria de Victor Turner, pois, através dele, conjugar-se-á, no âmbito do rito, o *pólo normativo* (o universo das regras) e o *pólo sensorial* (o universo dos sentimentos) ou *pólo orético*. O *Aedes aegypti* ocupa uma posição, portanto, central na cosmologia do sanitarismo, entre nós. É ele, e não o *Anopheles gambia*, por exemplo, o grande

---

<sup>3</sup> Cf. Goeldi, 1905:9-14.



artefato sobre o qual e com o qual irá desenrolar-se todo o *rito de purificação* que introduzirá a sociedade carioca, do início do século, na cosmo-visão da modernidade. Não é a toa que seu reaparecimento, com a epidemia de dengue na década de 80, na sala de visitas da capital do Rio de Janeiro, irá despertar toda uma produção de imagens e sentimentos que pareciam adormecidos, depositados no porão das recordações de um patrimônio de memórias.

#### BIBLIOGRAFIA:

DOUGLAS, Mary (1976) - *Pureza e Perigo* - Editora Perspectiva, SP, 232 pp.

EDMUNDO, Luis (1957) *O Rio de Janeiro do meu tempo*, vol I, Conquista, RJ, 231 pp.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira (1972) “A incompreensão de uma época - Oswaldo Cruz e a Caricatura” *in* Oswaldo Cruz, Monumenta Histórica, Tomo I, Brasiliensia Documenta, v.VI, SP, p. 11-50.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo (1973) - *Rodrigues Alves: Apogeu e Declínio da Democracia*, vol I - José Olympio Ed., RJ, p 307- 436.

GOELDI, Emílio A. (1905) - *Os Mosquitos no Pará: reunião de quatro trabalhos sobre os mosquitos indígenas, principalmente as espécies que molesta o homem*. Memórias do Museu Goeldi, vol. IV , Pará, 154 pp.

SEVCENKO, Nicolau (1993) *A Revolta da Vacina - mentes insanas em corpos rebeldes*. Ed. Scipione, SP, 88 pp.

TURNER, Victor W. (1972)- *Les tambours d'affliction: analyse des rituels chez les Ndembu de Zambie*. Paris, Ed. Galimard, Introdução.